

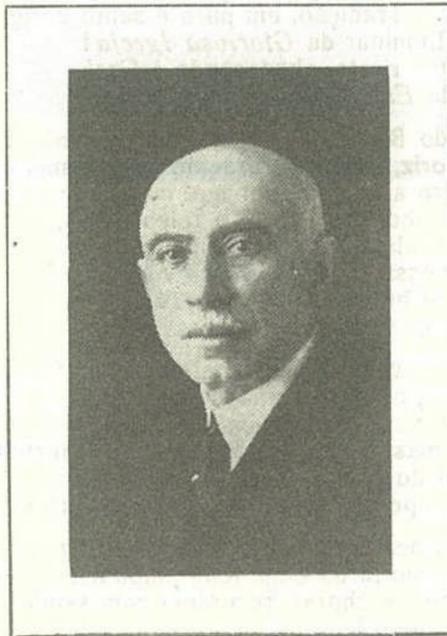
Bando Escolástico

da Festa da Academia Vimaranesse

"O S. NICOLAU,"

Recitado neste dia 5 de Dezembro de 1955
pelo aluno do 5.º ano,
JÁIME MANUEL SANTOS DA COSTA SAMPAIO

e
Composto pelo Velho Nicolino
MENDES SIMÕES



ROMEIRO DA SAUDADE

Perante a realidade da surpresa,
Tão dolorosamente verdadeira,
Minh'alma chora e, enternecida, reza
Junta à tua morada derradeira.

E, ao recordar com dólida tristeza,
Manes de Bráulio, de Roriz e Meira,
Eu julgo ter a íntima certeza
De a FESTA perdurar, linda e fagueira.

ROMEIRO DA SAUDADE, eu te bendigo,
Ante o destino eterno do ataúde,
E beijo-te a mão fria, ó BOM AMIGO.

Que a Lira Nicolina, rediviva,
Seja sentido canto de alaúde,
E, dentro de meu peito, ara votiva!

M. S.

DOM PANTCHO PASSARÚ PANTANAS Y PRADÁ,
'STRATEGA DE VALOR EM PUGNA SETIADRÁ,
IMPENITENTE ÁCTOR, CALOTE ESTRATOSFÉRICO,
POR VEZES A DAR LEIS AO MUNDO CADAVERÍCO,
ESTRÉNUO DEFENSOR, SEMPRE EM LUTA INDECISA,
EM TORNO DE TOLEDO, E DE SEGÓVIA... E PISA...!
DO EMBUSTE TITULAR, DO BOMBO E DA PIELA...
ANIMADOR DO FADO E FARTA BRESUNDELA...
GRAN CRUZ DA COBARDIA, HERÓI DA PANTOMINA...
ORDENA QUE SE FAÇA A «FESTA NICOLINA»!
E QUE, NESTE ANO, E SEMPRE, EM FORMA BRAULIANA,
SEJA A LEMBRAR HERÓIS DA «VELHA DURINDANA»!

Silêncio! Amigos meus, de lutas e labor,
O pano vai subir, ouvi-me por favor!
Ouvi mais um pregão. E que ele seja um hino
Do mais puro sabor, austero e nicolino!
Que ele seja também de religiosidade
Um canto a bem dizer a Nossa Mocidade!

O' bom São Nicolau, ó Protector e Amigo
Da vida estudantil, que o nosso anelo seja
Guardar a Tradição, em puro e santo abrigo,
Imortal Luminar da *Gloriosa Igreja!*
A Nicolina Festa, obedecendo à Grei,
Segue do *Estatuto* a inalterável *Lei!*

Manes do Bráulio austero, Arnaldo, João de Meira,
Padre Roriz, Sampaio, ardente alma romeira,
Meu estro acarinhai, por que mais este *Bando*
Seja um padrão de amor a lembrar-me quando,
Partido o alaúde e a voz emudecida,
Já não possa cantar a *Nossa Festa Qu'rida!*
Vivos, ide beijar as mãos de Zé de Pina,
Reliquia de valor que a nossa *Festa* anima!...

Mestres, a vossa vida á cheia de cuidados!...
Os vossos corações, amigos desvelados,
Pelas sendas da vida, em prol do nosso int'lecto,
São poemas de labor, mananciais de afecto!
Obreiros do Saber, 'stigmatizando o Mal,
De vós depende haver mais luz em Portugal!

O' Santa de eleição, ó Mãe — *Senhora Aninhas*,
Que, mesmo lá do Céu, teus filhos acarinhás,
Os Velhos, a chorar, recordam com saudade,
O tempo bem feliz da alegre mocidade!
Reflexo salutar do teu amor distante,
Estás abençoando a *chance* do estudante!

Intruso, nota bem! é teu papel ficar
Hirto, quieto e mudo, aí no teu lugar!...
Tem cuidadinho, pois! Se abusas e criticas...
Arriscas-te a *beber* ali nas *Trinta Bicas!*
A Festa tem que ser *folgança nicolina*
E a muitos isto custa... a muitos amofina!...

Um bando de ladrões (ó misera caterva!)
Raptou e postergou a pobre da *Minerva!*
E tu, ó *Estatuto Antigo*, não saberes
Quem foram os *lacraus*, os miserandos seres!...
Por certo, no outro mundo, o *Bom Domingos Rato*
Há-de chorar de dor, lembrando o desacato!

Damas, é meu dever, dever de cortezia,
Beijar as vossas mãos de fina fidalguia.
Vós sois e sereis sempre as flores deste canteiro
Que orgulha Portugal e admira o mundo inteiro!...

Jóvens ou no papel de esposas ou de Mães,
Vós sois poema de amor, honrando Guimarães!...
Pra vós, sinceramente, o íntimo saudar
E a minha admiração, na alma a trasbordar...
Em breve vós tereis, ânsia de gôzo infindo,
O nosso coração dentro dum pomo lindo!...
A maçãzinha é vossa. Haveis de recebê-la,
Romântica, louçã e sumamente bela!...

Prodígio de labor, *Relógio do Tournal*,
Que trazes até nós a *hora oficial*,
O burgo a despertar de manhãzinha cedo,
Aviventando a Fé, em tom suave e ledó,
Num *Angelus de amor* de mística alvorada,
Logo à primeira luz da rubra madrugada,
Diz-me: *Por que é que tu, de formosura rara,*
Só ao fazer dos Vinte, é que lavaste a cara?...

Penhor da nossa fé, o *Mágico Pinheiro*,
Campeia, lá no fundo, impante e galhofeiro,
Como que a recordar às novas gerações
Que a festa é sempre viva em nossos corações!...
O' *Velhos* que me ouvis, vossa alma varonil
E' chama a alimentar a idade juvenil!...

Num gesto audacioso, a despertar *cobiça*,
O Zeca Mãe-Olhe Ela é treinador do *Lixa!*
Em artes de pinchar, é mesmo um *passarim!*...
A sorte é pra quem é... e a vida é sempre assim!...
Que mais farias tu, levado duma breca,
Se por um fado mau, fosses também careca?...
No *drible* ou na *recarga*, em *finta à maravilha*,
Tu tens a *aficion* das lides de *Sevilha!*
Fora com presunções... carteiras... e diplomas...
A *glória imortal já triunfante assomas!*...

A sorte do *Vitória*, infeliz, brêjeira,
Arrançou Nosso Grupo à Divisão Primeira!...
Mas acalento n'alma, uma esperança funda
Que havemos de sair da *Divisão Segunda!*
Quem poderá domar essa *genica insana*
Da hoste Galaica, Lusa e a fúria Africana?...

Revelação de Orfeu, ó *Música dos Guises*,
Passado de 'splendor, nas horas mais felizes,
Com brilho conquistado em *A'urea Geração*,
Porque não avivar o *amor à Tradição?*

Costureiras joviais, donzelas que me ouvis,
Cintos de filigrana, asas de colibrís,
Doidivas de amor, românticas garotas,
Livrai-vos dos *pipis, peraltas e janotas!*
Mesmo de *farta trança e excêntricas melenas*,
Ouvi o que vos digo, ó tímidas pequenas:
Deixai o *penteadó estulto à Joãozinho*,
Julgado varonil... sinal de *desalinho*...
Porque é que não usais *marrafa à Beatriz Costa?*
O *caixeirinho*, assim, até de vós mais gosta!...
O' pálidas vestais, ó lindas costureiras,
Vós tendes o condão de serdes feiticeiras!...
Lembraí-vos da cantiga ouvida aqui e além,
Que diz: *Maria vai*... e diz: *Maria vêm!*...

Novos de Guimarães, lá vem cinquenta e seis!...
Dizei-me o que pensais, dizei-me o que fareis!...
Enaltecei a Terra, o Burgo Milenário,
Honrando a *Festa Linda*, em seu *Cinquentenário!*...
Fazei surgir de novo o gesto altivo e belo
Dessa *Falange Ideal* que, à voz de *João de Melo*,
Compôs *Hino de Amor*, em *strofes de civismo*,
E, em pergaminho de oiro, um *Poema de Bairrismo!*

Virtuose do bilhar, o *Braga Milionário*,
Num gesto audacioso, a parecer lendário,
Honrando cá do Burgo a tradição bairrista,
Criou um clube novo, a *Malta Bilharista!*
Bolas de fantasia, à base do massé,
Aquilo é que é saber!... Aquilo assim é que é!...
Em *lances arte nova, ou série americana,*
O mestre tem ali alunos *de uma cana!*
A' frente, a presidir, *de borla e de capelo,*
Vemos o *lente exímio* — o campeão *Rebello!*
Braga do Milenário, aí vão os parabéns,
Pois homens como tu só *honram Guimarães!*...

Agora, ides ouvir a história grotesca,
Um tanto *nicolina... alegre... e picaresca!*...:
Uns certos foliões, amigos da pirraça,
Num restaurante novo e típico da praça,
Com ares de *nobreza e aplomb* piramidal,
Organizaram festa à rica... , triunfal!...
E, por que *um padecente* à lide os acompanhe,
Coroaram o festim com tortas e *champagne!*
Dependurado perto, (ó trágica tortura!)
Havia porco morto, em loja fria e escura!
E, reunidos em súbtil conspiração,
Resolveram passar do palavriado à acção!
E, à madrugada, à luz dum poético luar,
O porco resolveu por fim ir passear!?...
E... o dono, maldizendo as artes dos velhacos,
De desespero e dor espatifou os cacos!...

O' Bairro da Seara, em teu nobre objectivo,
Já não tem detractor's... nem vil *pejorativo!*...

Um outro filho tens, mais pobre, ali na Arcela,
De traça original e sumamente bela!

O *joelho de São Damos*, de infeliz memória,
De interesse nacional, tem que passar à História!...

Caixa Geral, Liceu e Paços do Concelho,
Que venham, que o desejo é *velho e até revelho!*...

O *dente ali do Jaime*, ao atingir o *cabo*
Gritou à Engenharia: *A porca torce o rabo!*...

E a rua a memorar o *Bom Padre Roriz*,
Se não começou já, *esteve por triz!*...

Com ansia perguntais se mais vantagens há...
Quem pode adivinhar?... *Meu Deus, sabe-se lá!*?...

Quereis saber também o que há sobre o *Quartel*
De Infantaria Vinte? Existe no papel!...

E tudo quanto eu sei e ouvi... deste progresso,
A ninguém contarei... *não digo... não confesso!*...

O Monumento ao *Grande Alberto de Sampaio*
Altivo retorquiu: *Não vou... daqui não saio!*...

A ideia dum hotel nos Paços da Arrochela
Cristalizou de vez e, a pobre! *lá vai ela!*...

Feita em cimento armado e lavra genial,
Quando haverá tourada, em traça *Oriental?*...

Da Velha Colegiada a *tentativa aziaga*
Quase fez delirar o *Amigo Luís Gonzaga!*...

Aurora de apogeu, altiva e benfazeja,
Dizem ser realidade... e *pode ser que seja!*...

Mas o *Palácio Altivo e Nobre da Justiça*
Esse é que segue avante, a despertar *cobiça!*...

Carreiras para a Penha, *enchentes de hora a hora,*
Um dia pode ser!... *Não há nada por ora!*...

A ideia magistral do Stádio da Amorosa
Ouviu... sorriu... tremeu... ficou silenciosa!...

Mas o *Solar Feudal* que a nossa urbe ufana,
Vai ter o melhor que há: *Tapetes de Pastrana!*

E, ao fundo surgirá essa *Genial Madona*,
Que fundou Guimarães, Condessa Mumadona!

E, se me perguntais: o *Quiosque do Jardim?*...
Eu digo: pode ser que *seja: não... ou sim!*...

E aquela grande artéria, a dar Aos Matadouros,
Pergunto: *é para nós? Ou fica prós vindouros?*

Vendo o Jardim, casal francês, *très curieux*,
Clamava extasiado: oh! *mais c'est merveilleux!*

E, olhando a terra linda, entapetando o chão,
Gritou: *Jolie couleur, nuance de saumon!*

A Penha encantadora, estrela rutilante,
Na senda do progresso, *essa caminha avante!*

E a sorte impiedosa e de sorriso alvar,
Sempre a mofar de nós... *só pensa em namorar!*...

E' tão frequente ouvir *quaisquer pequenitades*,
Fervendo de bairrismo *in oleo carrapatís!*

Esses já não dão mais... são cabecinhas ôcas
Que a gente tem de ouvir, fazendo orelhas moucas!

A Bomba do Toural, um trágico tufão,
Sem dó, fê-la rolar inerte, pelo chão!...

E, agora, em seu lugar, impante e altaneiro,
Vemos gesticular um guarda-sinaleiro!

E o tímido peão, em confusão tamanha,
Terá que circular, como em teia de aranha!

Dizei-me: que será aquele *futurismo*
Da nova instalação da *Sede do Turismo?*

Admiro a nossa Praça, o típico Mercado,
Mas... *quando terá fim? E o vemos acabado?*...

E o próprio *«Janet»*, fervendo em vendaval,
Os Paços destruiu, e não ficou sinal!...

Detesto qualquer rua a *semelhar trincheira*
E certas construções, de Escola Gaioleira!

De tanto e tanto ouvir... a gente já está farta!...
Melhor será *'sperar... e mais não pôr na carta!*...

* * *

Soldados de Minerva, *ao alto as maçanetas*,
Em impetos de luta e lances sobrehumanos!...
Mostrai que possuís almas viris de atletas...
Que não vos metem medo insídias, nem arcanos!...
Ei-los que vêm beijar as vossas baionetas
Nerús, Seleagrais, Mau-Maus e Marcianos!

Novembro de 1955

MENDES SIMÕES.

*Laus Deo Nicolaoque
Sancto Episcopo Custodique
'Scolasticae Juventutis!*



MENDES SIMÕES, em 1912,
aluno do Liceu N. de Guimarães

*Of
Mendes Simões*

5.12.1955

*A' Benemerita Sociedade
de Martinho Sacramento*

Tip. IDEAL - Guimarães, 2-12-55. 1000 ex.